

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RAYSSA QUERUBIM GOMES DA SILVA
SHIRLEY MARIA DA SILVA
THAIS DE SOUZA ARRUDA

**AS REDES SOCIAIS E A SUA RELAÇÃO COM O
AUTODIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT
DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE**

RECIFE/2023

**RAYSSA QUERUBIM GOMES DA SILVA
SHIRLEY MARIA DA SILVA
THAIS DE SOUZA ARRUDA**

**AS REDES SOCIAIS E A SUA RELAÇÃO COM O
AUTODIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT
DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Catarina Burle Viana

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586r Silva, Rayssa Querubim Gomes da.
As redes sociais e a sua relação com o autodiagnóstico do transtorno
de déficit de atenção/hiperatividade/ Rayssa Querubim Gomes da Silva;
Shirley Maria da Silva; Thais de Souza Arruda. - Recife: O Autor, 2023.
26 p.

Orientador(a): Ma. Catarina Burle Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. TDAH. 2. Autodiagnóstico. 3. Redes sociais. 4. Tratamento. I.
Silva, Shirley Maria da. II. Arruda, Thais de Souza. III. Centro Universitário
Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que acreditaram em nosso potencial e nunca deixaram de nos incentivar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por toda sabedoria emocional e intelectual que foi nos dada em toda nossa trajetória universitária, em conjunto com a força de vontade de ter os nossos objetivos alcançados.

Aos nossos pais e familiares que investiram em nosso sonho, apoiaram e incentivaram a traçar o nosso próprio caminho.

Aos amigos próximos que nos compreenderam em momentos difíceis e ausentes que muitas vezes tivemos que abdicar para a completa satisfação desse trabalho.

Aos nossos professores e a instituição de ensino, por todo aparato, recursos, conhecimento e ensino que nos foi proporcionado. Proporcionando nos conhecer e apresentar a melhor versão de nós mesmas e do nosso processo de formação profissional.

Um agradecimento especial a nossa orientadora Catarina Burle, sem os seus conselhos e orientações esse trabalho não seria o mesmo. Obrigada por acreditar em nosso potencial quando nem mesmo nós acreditávamos.

Por último, mas não menos importante a nós mesmas, por toda a dedicação e esmero que desempenhamos ao longo da nossa graduação. Esse trabalho é um dos frutos disso.

RESUMO

As redes sociais possuem uma variedade de funções, desde compartilhar, conversar, curtir e visualizar, até informar. É comum as plataformas serem utilizadas como viés de comunicação e informação, circulando conteúdos dos mais diversos assuntos, principalmente no que diz respeito a saúde e o foco deste trabalho que seria o Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). O presente trabalho tem como objetivo investigar se há relação entre o uso excessivo das redes sociais e o equivocado autodiagnóstico do TDAH. Tendo como objetivos específicos: compreender o uso das redes sociais na contemporaneidade; explorar as dificuldades de um diagnóstico da saúde mental no Brasil; traçar prós e contras da influência das redes sociais a respeito da compreensão do TDAH. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia sistemática de literatura, se tratando de uma revisão literária de tudo aquilo que já foi publicado a respeito do tema abordado. Utilizando as bases de dados eletrônicas como Google acadêmico e biblioteca virtual de saúde/BVS, com os artigos publicados entre os anos de 2013 e 2023, tendo como descritores: TDAH, autodiagnóstico, redes sociais e informação. Os resultados apontaram a importância de não confiar em tudo aquilo que se encontra no meio virtual, visto que nem todas as publicações possuem confiabilidade, uma vez que usuários propagam dados falsos. Contudo foi observado que realizar pesquisas a respeito da saúde também pode ser considerado algo positivo, pois pode fazer com que o indivíduo busque os devidos meios a respeito da sua dúvida, buscando por profissionais e locais de atendimento. Embora esse mesmo modo de pesquisa possa contribuir de formas negativas na vida do sujeito. É importante salientar a necessidade de pesquisas voltadas para este assunto, tendo em vista que a literatura científica brasileira não possui uma variedade de pesquisas, dificultando o crescimento e desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: TDAH; Autodiagnóstico; Redes sociais; Tratamento.

ABSTRACT

Social networks serve various functions, from sharing, chatting, liking, and viewing to informing. It's common for these platforms to be used as a means of communication and information, circulating content on a wide range of topics, especially concerning health and the focus of this study, which is attention deficit hyperactivity disorder (ADHD). The present study aims to investigate whether there is a relationship between excessive use of social networks and the incorrect self-diagnosis of ADHD. With specific objectives: to understand the use of social networks in contemporary society; explore the challenges of mental health diagnosis in Brazil; outline the pros and cons of the impact of social networks on the understanding of ADHD. This is qualitative research, employing a systematic literature methodology, involving a literature review of all that has been published on the addressed topic. Using electronic databases like Google Scholar and the Virtual Health Library/BVS, with articles published between 2013 and 2023, with keywords including ADHD, self-diagnosis, social networks, and information. The results underscore the importance of not relying on everything found in the virtual environment, as not all publications are reliable, given that users propagate false data. However, it was observed that conducting health-related research can also be considered a positive endeavor, as it can prompt individuals to seek the appropriate resources for their doubts, such as professionals and healthcare facilities. Nevertheless, this same research approach can have negative impacts on individuals' lives. It is essential to emphasize the need for research in this field, given that the Brazilian scientific literature lacks a variety of studies, hindering the growth and development of this work.

Keywords: ADHD; Self-diagnosis; Social networks; Treatment.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação dos artigos pesquisados.....	22
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção;

ADHD – *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*;

APA – Associação Americana de Psiquiatria;

BVS – Biblioteca Virtual de Saúde;

CID – Classificação Internacional de Doenças;

COVID-19 – Doença do Coronavírus;

DDA – Distúrbio do Déficit de Atenção;

DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais;

EUA – Estados Unidos da América;

OMS – Organização Mundial de Saúde;

SUS – Sistema Único de Saúde;

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade;

TCC – Terapia Cognitivo-Comportamental.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo geral.....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH).....	13
3.2 Autodiagnóstico.....	17
3.3 Redes sociais.....	19
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5.1 O diagnóstico do TDAH.....	25
5.2 O tratamento.....	26
5.3 As redes sociais.....	28
5.4 O autodiagnóstico e a escassez de material.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7 REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A chegada das redes sociais abalou todos os meios de comunicação, devido ao fato de ser algo novo e rápido. Tornando-se algo comum no dia a dia dos indivíduos, de modo intenso e sem controle. Essa nova forma de acesso rápida e prática, resultou na diminuição da visibilidade de jornais, blogs e revistas. “A relevância dessa nova configuração é evidenciada pelo fato de que 60% da população mundial com acesso à internet utiliza as redes sociais como sua principal fonte de informação” (Kemp, 2020 apud Girão; Irigaray; Stocker, p. 2).

Devido a facilidade de uso e acesso, grande parte dos indivíduos passaram a buscar informações nesse meio digital. “As redes sociais facilitam a produção, circulação e comunicação da informação” (Silva; Bacalchini, 2009 apud Nascimento et al., 2012, p. 49). O problema desse veículo de notícias é que diferente dos meios tradicionais, este é muito menos confiável. Alguns ambientes virtuais possuem informações duvidosas, contraditórias ou até mesmo falsas, tornando comum encontrar as famosas Fake News, traduzidas no Brasil como notícias falsas.

De acordo com os autores Tandoc, Lim e Ling (2018, apud Raquel et al., p. 2) a fake news é caracterizada como conteúdos falsos que se encaixam em diversos formatos da mídia tradicional: textos, fotos, sites e vídeos. Essa manipulação na área da saúde tem um efeito catastrófico, visto que a sociedade é motivada a buscar informações sobre a saúde e se autodiagnosticar.

O interesse pelo assunto surgiu na medida que repercutiu nas redes as postagens a respeito do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), publicações abordando dúvidas, características e sintomas. É rotineiro observar posts e comentários retratando os mais variados assuntos, discutindo questões como diferença social, cyberbullying, preconceitos, vícios, transtornos e doenças.

Segundo Silva e Bacalchini (2009, apud Nascimento et al., 2012, p. 49) os indivíduos criam diálogos e reflexões entre si a partir de discussões na internet. Expondo e compartilhando suas opiniões, ressignificando e redefinindo a partir do seu ponto de vista. A partir disso, como dito anteriormente essas discussões quando voltadas para a área de saúde podem acarretar um efeito catastrófico.

No que diz respeito a doenças e transtornos é evidente a influência que a internet tem sobre diagnósticos, tanto de forma positiva como negativa. Sabe-se que o indivíduo tem essa necessidade de nomear sintomas ou doenças, buscando sempre

acessar a internet como fonte principal de informações. Diante disso, é possível visualizar relatos sobre o transtorno, diagnóstico e sintomas. Facilitando a divulgação e acesso dessas publicações nas redes, devido ao alcance essas informações atravessam fronteiras, chegando a milhares de pessoas. Com isso, o ser passa a identificar semelhanças através do relato do outro e se denomina com a patologia, trazendo à tona um autodiagnóstico.

Segundo Bakhtin (2003 apud Signor, 2013, p. 1154), “a consciência de mim acaba levando à consciência de grupo de que ela é o reflexo.” Ou seja, muito do que o indivíduo busca e consome reflete nos meios em que está inserido, principalmente quando se trata de internet. Bakhtin diz ser “na fronteira do eu com o outro, ou seja, no ponto de convergência, que a consciência pode ser compreendida.” (Bakhtin, 2003 apud Signor, 2013, p. 1154). A consciência do grupo que o indivíduo está inserido, tem forte poder de influência sobre como ele se vê e se dá como ser no mundo.

Considerando a influência das redes sociais, o conteúdo que é consumido diz sobre o que você procura consumir e o subgrupo que você faz parte. Segundo Kotler (2017 apud Messaggi e Buttner, 2021, n.p.), os círculos sociais criados no ambiente virtual são formados de maneira espontânea, podendo observar que as influências destes grupos podem afetar a vida do indivíduo cada vez mais. Dentro desse meio com a repercussão das publicações e comentários, a curiosidade das pessoas pode ser reforçada através das interações, resultando na ideia do autodiagnóstico.

“Em função de suas características sociais e colaborativas, redes sociais virtuais são espaços perfeitos para a prática do boca a boca eletrônico, na forma de conversas e recomendações on-line” (Chu; Kim, 2011 apud Almeida et al., 2017, p. 120). Sendo assim são seríssimos os riscos quando essas recomendações partem em torno da área de saúde. Podendo resultar numa automedicação ou um autodiagnóstico.

Trazendo como pauta este assunto, o presente trabalho questiona se existe relação entre a influência das redes sociais com o autodiagnóstico do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade?

Busca-se verificar a resposta da pergunta de pesquisa. De antemão, acredita-se que as redes sociais têm influência nesse processo de autodiagnóstico, devido ao grande número de acesso e alcance dentro das plataformas. “A rigor, o uso intensivo das redes sociais forjou uma cultura integradora e colaborativa, em que maior

pluralidade de opiniões e manifestações ganha espaço e audiência” (Trittin-Ulbrich et al., 2021 apud Girão; Irigaray; Stocker, p. 2).

Em virtude do crescimento desse cenário de autodiagnóstico dentro das plataformas, esse trabalho propõe trazer contribuições para a área da Psicologia com o intuito de informar a importância de um acompanhamento psicológico correto para obter diagnósticos, alertar os perigos do autodiagnóstico e colaborar com a propagação de informações corretas a respeito do TDAH.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método utilizado foi a revisão sistemática de literatura. A base de dados utilizada foram os sites Google acadêmico e Biblioteca Virtual de Saúde/BVS. Os descritores utilizados foram: TDAH, autodiagnóstico, rede social e informação.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar se há relação entre o uso excessivo das redes sociais e o equivocado autodiagnóstico do TDAH.

2.2 Objetivos específicos

- Compreender o uso das redes sociais na contemporaneidade;
- Explorar as dificuldades de um diagnóstico da saúde mental no Brasil;
- Traçar prós e contras da influência das redes sociais a respeito da compreensão do TDAH.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH)

O desenvolvimento humano vem sendo estudado ao longo dos anos em diferentes etapas da vida. Diante disso, foi-se percebendo transtornos envoltos desse desenvolvimento, onde podem afetar o cognitivo, sensorial e motor. Sendo o TDAH o foco deste estudo, é importante citar que o mesmo é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento. Onde segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2013, p. 31), os transtornos do neurodesenvolvimento são um grupo de condições que podem acarretar prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional.

O DSM-V classifica estes transtornos em 7 tipos: Deficiências Intelectuais; Transtornos da Comunicação; Transtorno do Espectro Autista; Transtorno do Déficit de Atenção com hiperatividade; Transtornos Específicos de Aprendizagem; Transtornos Motores e outros. (DSM-V, 2013, n.p.) O TDAH é identificado devido o déficit de atenção, hiperatividade ou impulsividade, sendo estas características os sintomas frequentes. “É um transtorno no desenvolvimento do autocontrole, marcado por déficits referentes aos períodos de atenção, ao manejo dos impulsos e ao nível de atividade” (Barkley, 2002 apud Graeff; Vaz, 2008, p. 343).

Antes de ser nomeado como TDAH, o mesmo era conhecido de outras formas. O transtorno em questão possuiu várias nomenclaturas no decorrer do século XX, tais como: encefalite letárgica, dano cerebral mínimo, disfunção cerebral mínima, hipercinesia, distúrbio do déficit de atenção (DDA) e por fim, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. (Timimi, 2002, apud Silva; Fidelis; Tomaz, 2020, p. 5)

Um dos nomes importantes no desenvolvimento do TDAH foi o pediatra George Still. Através do seu trabalho em 1902 que o transtorno ganhou sua primeira descrição, como defeito de conduta moral. (Santos; Vasconcelos, 2010 apud Piuco, 2015, p. 9) Anos mais tarde após o surto de encefalite letárgica, a população associou os sintomas ao TDAH, que naquela época ainda não possuía essa nomenclatura. O surto de encefalite ocorreu nos anos de 1917 e 1918, onde as crianças passaram a apresentar sintomas como inquietação, desatenção e impulsividade. (Santos; Vasconcelos, 2010, p. 717)

As crianças eram consideradas travessas, inquietas, dispersas, mas não recebiam o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Já os adolescentes eram considerados tímidos, emocionalmente inconstantes, todavia a sociedade esperava que na idade adulta seriam pessoas aptas para assumir suas responsabilidades, ter uma profissão, enfim, serem normais. (Martinhago, 2018, p. 3328)

Naquela época as pessoas tinham um grande preconceito com aqueles que se mostrassem diferentes na sociedade, trazendo essa definição de normalidade. Segundo os autores, os sintomas do TDAH eram menosprezados pela sociedade e associados a fatores culturais ou traços de personalidade. (Martinhago, 2018 apud Souza et al., 2023, p. 5687).

Em 2004, os Estados Unidos (EUA) tornaram as necessidades do tratamento vinculadas a gestão social e econômica do país, reconhecendo ser um transtorno

grave e que precisa de tratamento. (Piuco, 2015, p. 8) Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA apud Piuco, 2015, p. 8), “afeta cerca de 10% da população mundial, levando a necessidade de uma melhor forma de tratamento e diagnóstico, a fim de diminuir os prejuízos causados pelos sintomas”.

Atualmente, os sintomas característicos do transtorno é a desatenção, hiperatividade e impulsividade. “É considerado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2013) como um problema de saúde pública cujas implicações consistem em atividades motoras excessivas, na dificuldade em sustentar a atenção e, no controle dos impulsos” (Hora et al., 2015, p. 47).

Levando em consideração as informações citadas acima, sabe-se que nem todos os indivíduos com TDAH apresentam todos os sintomas. Afinal, é importante identificar durante o processo de diagnóstico o subtipo do transtorno. Segundo o DSM-V (2013, p. 60) existem três subtipos: o combinado, o predominantemente desatento e o predominantemente hiperativo/impulsivo.

O seguinte transtorno dá-se início na infância, porém muitos indivíduos só conseguem identificar ao longo do tempo. Enquanto adulto as lembranças de sintomas na infância tendem a ser confusas. Segundo Piuco (2015, p. 8), “a maioria dos adultos não diagnosticados não apresentou hiperatividade marcante na infância”. Com isso, não é possível definir uma idade específica para identificá-lo devido à dificuldade de constatar um início nessa fase. É comum transparecer no período escolar, onde a desatenção ou a hiperatividade fica mais evidente.

Na pré-escola, a principal manifestação é a hiperatividade. A desatenção fica mais proeminente nos anos do ensino fundamental. Na adolescência, sinais de hiperatividade podem limitar-se ao comportamento mais irrequieto ou sensação interna de nervosismo, inquietude ou impaciência. Na vida adulta, além da desatenção e da inquietude, a impulsividade pode permanecer problemática, mesmo quando ocorreu redução da hiperatividade. (DSM-V, 2013, p. 62).

O DSM-V propõe como necessário pelo menos seis sintomas de desatenção ou seis sintomas de hiperatividade/impulsividade para o diagnóstico, com persistência em período de seis meses. Sabe-se que diferente de alguns transtornos e síndromes o TDAH não possui marcador biológico que seja possível identificar como diagnóstico.

Diante disso, se inicia uma espécie de investigação a respeito da pessoa com suspeita do transtorno. Durante esse período deve ser utilizado uma série de recursos como testes psicológicos, escalas e entrevistas, para mapear esse diagnóstico. O

objetivo principal de uma avaliação envolve, além de identificar a presença ou ausência do TDAH, outros pontos, como investigar as condições acadêmicas, psicológicas, familiares e sociais para se criar um bom plano de intervenção. (Calegari, 2002 apud Graeff; Vaz, 2008, p. 346).

O processo diagnóstico envolve toda uma equipe multidisciplinar, como psicólogos, neuropsicólogos, fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Os psicólogos atuam com a avaliação psicológica investigando fatores emocionais que podem interferir no rendimento do indivíduo. Neuropsicólogos utilizam de avaliações neuropsicológicas, buscando avaliar as funções cognitivas. (Larroca; Domingos, 2012, p. 37).

Fisioterapeutas trazem uma avaliação que busca identificar o desenvolvimento motor, a percepção, equilíbrio, concentração e atenção do sujeito. “Visto que pessoas com TDAH possuem grandes chances de apresentar distúrbios voltados ao desenvolvimento da coordenação motora” (Pereira; Araújo; Mattos; 2005; Toniolo et al., 2009 apud Effgem et al., 2017, p. 37).

E por fim, os fonoaudiólogos investigam o processamento auditivo e da linguagem do indivíduo, descartando a ideia de problemas auditivos para o resultado da desatenção. Segundo Graeff e Vaz (2008, p. 356), quanto mais completa e criteriosa for a avaliação, menor a possibilidade de equívoco no diagnóstico e maiores as chances de o profissional traçar uma intervenção adequada.

Assim como o diagnóstico, o tratamento do transtorno também envolve intervenções multidisciplinares e psicofarmacológicas. Essas abordagens medicamentosas, incluem o uso de remédios não estimulantes ou estimulantes. Onde segundo Morgan et al. (2016, p.102) “psicoestimulantes são substâncias com capacidade de aumentar o estado de alerta e a motivação, além de possuírem propriedades antidepressivas, de melhora no humor e no desempenho cognitivo”.

Segundo Maldonado (2023, p. 38), as duas drogas mais comuns no tratamento do TDAH são o metilfenidato e anfetamina. Diante do uso de medicações, é significativo falar a respeito dos riscos e benefícios. O autor completa que estes medicamentos possuem uma variedade de efeitos colaterais, sendo os mais suaves a ansiedade leve, sensação de cansaço, irritabilidade leve, depressão leve, etc. (Maldonado, 2023, p. 40)

Sendo assim, é considerável a importância de além desses medicamentos, ter um momento de orientação e psicoeducação com os familiares, amigos e educadores.

Principalmente quando o tratamento em questão é a respeito de pessoas de menor idade.

O tratamento ideal associa farmacoterapia, educação familiar e orientação aos educadores. É consenso na literatura que os psicoestimulantes são a primeira escolha para tratamento de TDA/H devido à sua eficácia, tolerabilidade e segurança. No Brasil, o metilfenidato é o único psicoestimulante disponível nas formulações de liberação imediata e prolongada. (Siqueira; Gurgel-Giannetti, 2010, p. 85).

O uso adequado da medicação é essencial para alcançar resultados positivos. No entanto, é significativo o acompanhamento profissional durante o tratamento, visto que esses psicoestimulantes precisam ser prescritos por profissionais da saúde. Importante mencionar o risco daqueles que realizam o tratamento de forma independente, fazendo uso de medicamentos sem orientação médica ou até mesmo realizando diagnósticos de si.

3.2 Autodiagnóstico

O autodiagnóstico é um termo recente nos meios acadêmicos, mas o seu entendimento parte do senso comum de como fazer um diagnóstico de si mesmo. É corriqueiro atualmente, principalmente com o uso indevido da internet. No Brasil, foi estimado que mais de 10 milhões de internautas acessam regularmente sites sobre saúde para obter informações médicas. (Gianotti; Gianotti; Wada, 2009, n.p)

A internet desenvolveu um papel transformador na área da saúde, oferecendo uma grande quantidade de informações e recursos acessíveis para um público global. Tendo pontos positivos, como também negativos a depender da forma de uso e do ponto de vista. “A interação pela internet no meio da saúde possibilita a troca de experiências entre pacientes com problemas semelhantes e facilita o debate entre especialistas e enfermos” (Murray et al., 2009 apud Morreti; Oliveira; Silva, 2012, p. 651)

Essa troca citada acima é um dos fatores que ajuda o autodiagnóstico, pois quando ocorre essa troca de informações com indivíduos que não são profissionais da área de saúde, torna-se algo perigoso. De acordo com a pesquisa da Bupa Health Pulse, publicada no jornal O Globo em 2011, o Brasil ficou em quinto lugar no ranking mundial, quando analisado a respeito das buscas na internet a procura de orientações médicas e remédios. (Vermelho et al., 2014, p. 183)

Essa evolução tecnológica não somou apenas de forma negativa, contribuindo também com avanços positivos, como a facilidade de comunicação. Tornando mais

prático a marcação de consultas, a busca por profissionais ou a comunicação com especialistas da área de saúde. Segundo Biruel (2008, p. 25), “a facilidade de inserir diversas informações sobre variados assuntos, faz da internet um grande instrumento de divulgação. Com inúmeras informações sobre saúde, informando a respeito de doenças, seus tratamentos ou até a prevenção.”

Segundo Sanches e Cavalcanti (2018, p. 455), “é essencial que aquele que recebe a informação saiba se esta é verdadeira ou não e, mais ainda, que saiba usá-la de forma responsável e consciente.” Tornando-se necessário verificar a veracidade dos sites, visto que algumas informações podem ser inconfiáveis ou incompletas cientificamente. Vale ressaltar que a partir dessas informações falsas e a divulgação delas, o alcance nas redes pode trazer para o outro esse conhecimento de forma inapropriada.

De acordo com o estudo de Moretti, Oliveira e Silva (2012, p. 654) as atitudes que os indivíduos tendem a fazer com maior frequência após uma pesquisa online são: “falar com amigos/familiares sobre as informações adquiridas (70% afirmam fazer), mudança de estilo de vida (65%), falar com o médico (48%) e agendar uma consulta (30%)”. O estudo citado reafirma a necessidade de confirmar informações antes de conversar a respeito com outro sujeito.

Ainda não se sabe ao certo o que motiva o indivíduo a buscar esse autodiagnóstico. Podendo ser considerado as possíveis variáveis, que seriam a necessidade que o indivíduo tem de se conhecer e um possível momento de autocuidado. São diversos os estudos que apontam a internet como um meio importante no autocuidado, fornecendo informação e promovendo interação entre profissionais, responsáveis e usuários em condição de enfermidade crônicas ou de simples interessados nas questões de saúde. (Silva et al., 2010, p. 1373).

Diante da acessibilidade e facilidade das buscas na internet, essa pesquisa por conhecimento torna-se mais rápida. Porém, sabe-se os riscos e prejuízos que isso pode acarretar. Segundo Lima et al. (2018, apud Costa; Guimarães, 2021, p. 4):

A constante pesquisa de sintomas na internet, em busca de autodiagnóstico e a ampla variedade de resultados diferentes para intervir na relação entre saúde, doença e cuidado podem desencadear ansiedades, medos, suspeitas e equívocos que induzem à uma consulta desnecessária com profissional de saúde especializado.

Levando em consideração as informações citadas, reafirma-se a importância de um acompanhamento com profissionais especializados mediante dúvidas e suspeitas relacionadas a saúde. Segundo Costa e Guimarães (2021, p. 4), “Ainda não

existe resposta efetiva para lidar com o problema do autodiagnóstico e da automedicação e nem do combate à propagação de informações clínicas sem embasamento científico obtidas na internet.”

Com isso, ressalta-se a importância do cuidado e da veracidade ao se pesquisar informações a respeito da saúde. Tratando-se de uma espécie de autorresponsabilidade e também do cuidado com o próximo. Segundo Sanches e Cavalcanti (2018, p. 449), “quando se trata de saúde, a falta de informação, a informação incompleta e, em especial, a informação falsa (fake news) pode gerar danos irreparáveis.”

3.3 Redes sociais

Desde a sua implementação no Brasil, o uso cotidiano da internet vem crescendo, assim como na maioria dos países. “Entre setembro de 2000 e setembro 2002, por exemplo, o número de usuários de Internet no Brasil cresceu mais de 50%” (Terzian, 2012, apud Moretti; Oliveira; Silva, 2012, p. 651).

Com o surgimento das redes sociais o acesso à internet se tornou ainda mais frequente. São diversas as plataformas, Twitter, Instagram, Facebook, Pinterest, Tumblr, TikTok e várias outras. Cada qual possui uma grande variedade de funções, atraindo públicos de diversos lugares e faixa etárias. Segundo Vermelho et al (2013, p.183), “O termo "rede social" tornou-se sinônimo de tecnologia da informação e comunicação; seu uso transcorreu áreas e destruiu fronteiras sendo apropriado, hoje, por muitos atores sociais.”

Devido a acessibilidade, praticidade e facilidade no uso, as redes têm se tornado forte substituta dos meios de comunicação, como jornais, rádios ou revistas. Antigamente, mídia se referia apenas aos meios de comunicação de massa, principalmente aos de transmissão de notícias, tais como jornais, rádios, revistas e televisão. Atualmente todos os meios de publicidade são chamados de mídia. (Santaella, 2003 apud Vermelho et al., 2013, p.183).

Segundo Eisenstein e Bestefenon (2011, apud Silva; Silva; Moraes, 2014, n.p), “a internet atravessou fronteiras, dissolveu barreiras culturais, penetrou bloqueios políticos, vaporizou diferenças sociais e cresceu mais rápido e em todas as direções”. Com isso, houve uma série de evoluções e melhorias para a sociedade, como na comunicação e acesso de informações. Tornando-se mais fácil a busca e coleta de informações a respeito da saúde.

Desde a pandemia do Corona Vírus, tem crescido o número de sites que oferecem suporte a saúde. Um ótimo exemplo é o Programa Conecte SUS, ele foi principal iniciativa de saúde digital no Brasil, com o objetivo de agilizar às ações de fortalecimento e combate à pandemia de COVID-19. (Viana, p. 15, 2023). Ainda assim é muito importante fazer uma refinação na busca por essas informações, pois possuem muitos sites com conteúdo duvidosos. Tornando essa facilidade ao acesso um dos pontos negativos.

O maior acesso à informação ajudou a delegar poder para os cidadãos, há mais opções de consumo, funcionários e investidores socialmente responsáveis. A sociedade da informação criou novos ganhadores e se transformou na era da verdade. (Henderson, 2003, p. 55 apud Gianotti; Gianotti; Wada, 2009, n.p)

Ao longo do tempo, não ficou evidenciado apenas os prós, mas também os contras presentes no meio virtual. O documentário "O Dilema das Redes" (2020), trouxe diversas questões a respeito do funcionamento dessas plataformas digitais. "O documentário evidencia que o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva pelos sujeitos não é o objetivo das redes sociais, mas sim a manipulação de suas decisões" (Sepulveda; Sepulveda, 2021, p. 22).

Tendo em vista o assunto citado acima sabe-se que tudo nas redes é gerado através de engajamento e repercussão, independente de qual seja o aplicativo. "Redes sociais são definidas como espaços altamente mensuráveis, onde gestores são capazes de contabilizar, sistematizar e dar sentido a comentários produzidos sobre os mais diversos conteúdos" (Hoffman; Fodor, 2010 apud Almeida et al., 2018, p. 120).

Diante disso, é comum visualizar comentários de diferentes assuntos dentro do universo digital, desde informações importantes a especulações pessoais. E quanto mais engajamento e compartilhamentos tiver, mais pessoas vão visualizar. "Comentários são formas de interação sinalizadas por usuários da rede que, após lerem determinado conteúdo, tornam públicas suas opiniões sobre ele" (Q. Li et al., 2010 apud Almeida et al., 2018, p. 120).

Devido a dinâmica desse meio tecnológico, muitos indivíduos compartilham de suas experiências, vida pessoal e profissional. E por conta do engajamento encaminha-se para outras pessoas. Isso se repete em diversos contextos e assuntos. Segundo Canezin e Almeida (2015, p. 144):

Em mídias como o Facebook, Orkut, Twitter e afins, os usuários têm acesso (a variar o tipo de privacidade aplicada às mensagens publicadas) a tudo o que é postado diariamente, desde informações pessoais de outros usuários

do mundo inteiro, muitas vezes desconhecidos, até fotos, vídeos, ideias e/ou notícias, que podem ser compartilhadas e, rapidamente, propagadas para uma nova teia de amigos.

Trazendo a problemática para o foco desta pesquisa, esses relatos e comentários quando se trata a respeito da saúde torna-se perigoso. Pois devido essas apropriações de conteúdos, os sujeitos se identificam e se denominam a depender do que estiver escrito.

As pessoas se distribuem em redes comunitárias que fornecem informação, adquirem senso de pertencimento e constroem conexões com outras pessoas que podem não conhecer pessoalmente, mas que compartilham dos mesmos interesses. (Wellman, 2001 apud Almeida et al., 2018, p. 117).

Diante desse senso de pertencimento o sujeito busca e se denomina com aquela patologia. Sem recorrer ajuda profissional, coloca como verdade as informações contidas nas redes, trazendo à tona um autodiagnóstico.

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo definida como “aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise.” (Martins, 2004, p.1).

Tendo como método revisão sistemática de literatura, ou seja, “trata-se de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis.” (Galvão e Pereira, 2014, p.1).

Para busca e coleta de dados foi utilizado os sites Google acadêmico e Biblioteca Virtual de Saúde/BVS. Os descritores utilizados foram: TDAH, autodiagnóstico, rede social e informação. Foram encontrados aproximadamente 5.950 artigos, diante da grande quantidade foram utilizados alguns critérios.

No google acadêmico foi encontrado cerca de 5.940 artigos, devido a grande quantidade o primeiro critério utilizado foi que todos deveriam estar dentro do período de tempo de 2013 a 2023. Após a inclusão deste critério restou 4.580 artigos. Logo em seguida foi realizado a filtragem buscando por apenas artigos de revisão, diminuindo uma enorme quantidade, restando apenas 149 artigos, com isso o penúltimo critério foi que o trabalho tivesse pelo menos um dos descritores no título. Por fim, o último critério foi a leitura dos resumos que restaram, aqueles em que o resumo estivesse de acordo com o interesse de pesquisa do presente trabalho seria utilizado na discussão. Após estas etapas, restaram 4.

No site da BVS foram encontrados apenas dois artigos, após a utilização dos critérios de inclusão restou apenas um. No Google acadêmico após as etapas citadas acima restaram quatro.

Os critérios de exclusão foram: Artigos de anteriores ao período especificado, que não possuía nenhum dos descritores em seus títulos, artigos de revisão no Google acadêmico e resumos com temáticas distintas do objetivo do trabalho. Após essa seleção, restaram cinco trabalhos para a construção dos resultados e discussão.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo as diretrizes propostas na metodologia, o presente estudo foi realizado através dos portais acadêmicos Google acadêmico e BVS. Foram utilizados os seguintes descritores: TDAH, autodiagnóstico, rede social e informação. Através dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados cinco artigos. A tabela abaixo diz respeito a síntese realizada através dos artigos selecionados para a discussão.

AUTOR/ANO	TIPO	TÍTULO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONSIDERAÇÕES FINAIS
PIUCO, R., 2015.	M	Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: Revisão e análise de estudos de prevalência.	Fazer uma revisão sistemática dos artigos que estudaram a prevalência do TDAH nos últimos 20 anos.	Evidenciou-se que a busca por um diagnóstico preciso do Transtorno, seguindo as classificações do DSM fica em déficit quando comparado a outros meios de se ter um diagnóstico, como a Classificação Internacional de Doenças (CID), por exemplo.	A prevalência do TDAH em adultos foi parecida a aquela encontrada em crianças e adolescente. Concluindo também que o local onde se colhe informações tem influência nas taxas de prevalência analisadas.

COUTINHO, T.; ESHER, A. F.; OSORIO-DE-CASTRO, C. G. S., 2017.	A	Mapeando espaços virtuais de informação sobre TDA/H e usos de metilfenidato.	Apresentar a metodologia de pesquisa digital, com enfoque na aplicação de softwares de extração de dados, de plataformas digitais (Facebook) e diante disto procurar informações sobre o uso do medicamento metilfenidato dentro das redes.	Aproximadamente 600.000 mil pessoas obtiveram informações no Facebook, a respeito do uso do metilfenidato e criando resistência ao uso de medicamentos, diagnóstico, identidade do TDAH.	O artigo buscou destacar as informações que estão abrigadas no meio virtual sobre o metilfenidato, evidenciando os desdobramentos do processo de farmacêuticalização, que influenciam os atuais usos do metilfenidato.
SOUZA, T. G. et al., 2022.	A	Tecnologias da computação para tratamento e diagnóstico do TDAH: inferências e interpretações sobre uma revisão sistemática de literatura.	Trazer a possibilidade de ferramentas computacionais como um meio facilitador para diagnósticos e tratamentos do TDAH.	Através dos resultados constatou-se uma falta de compartilhamento de informações entre profissionais de saúde para o auxílio no diagnóstico e tratamento do transtorno. Não enxergando assim, um ser como individual e não somente coletivo.	Se percebeu uma necessidade de novas ferramentas de comunicação mais efetivas, que comportem um alto número de demandas.
MALDONADO, M. M., 2023	D	TDAH e Complexo	Compreender como a	Constatou que há uma	Por fim a pesquisa definiu que o

		Médico-Industrial: revisão narrativa sobre uma epidemia lucrativa.	dinâmica de influências externas leva uma condição de vida se tornar um problema fisiológico medicamentosa l.	influência social em como algum tipo de transtorno ou distúrbio é visto, introduzido e ampliado na sociedade. Trazendo à tona uma fluidez nos diagnósticos psiquiátricos. dependendo dessa influência.	diagnóstico dos transtornos psiquiátricos tal como o TDAH, estão passíveis de sofrer influência social para sua disseminação. Podendo ser manipulados de acordo com seus critérios.
SOUZA, L. M. L. et al., 2023.	A	Dificuldades e consequências do diagnóstico tardio de tDAH: revisão integrativa.	Identificar e descrever quais as dificuldades no processo de diagnóstico do TDAH e suas consequências no dia a dia do indivíduo adulto.	Há escassez de material com esse tema, contudo foi pontuado uma baixa na procura pelo diagnóstico, diferente de crianças. Implicando no tratamento e no dia a dia da população.	A complexidade do diagnóstico em adultos e a variância na confiança torna um diagnóstico mais criterioso de ser realizado. Justificando a importância do diagnóstico para que haja um devido tratamento.

FONTE: Autoria própria, 2023.

LEGENDA

A – Artigos científicos;

D – Dissertação;

M – Monografia.

Os cinco artigos selecionados para a construção desse trabalho buscaram responder os objetivos da pesquisa e agregar no aumento de material produzido com este tema.

Com isso, foi definido algumas categorias para discutir e colaborar para a compreensão desta pesquisa. Iniciando na seguinte ordem: a) o diagnóstico do TDAH, b) o tratamento, c) as redes sociais, d) o autodiagnóstico e a escassez de material.

5.1 O diagnóstico do TDAH

O TDAH em sua grande maioria é percebido ainda durante a infância, demonstrando seus primeiros sintomas no ambiente escolar, com sintomas característicos como a desatenção e a hiperatividade. Segundo Maldonado (2023), algumas desordens deveriam ocorrer em pelo menos dois contextos e, enquanto para as crianças essas configurações estariam limitadas à escola e à casa, a variedade de ambientes seria bem maior para os adultos, incluindo a casa, a faculdade, trabalho etc.

Geralmente são nos primeiros anos de vida que se inicia a busca pelo diagnóstico, após os primeiros sintomas. Porém, aqueles adultos que não identificaram o transtorno na infância, tendem a não buscar pelo diagnóstico anos mais tarde. A APA sugere ter aproximadamente cerca de 5% das crianças e 2,5% dos adultos com diagnóstico do transtorno, sendo mais frequente no sexo masculino. Entende-se que mesmo diante dos inúmeros diagnósticos o TDAH não possui marcador biológico, ou seja, algo detectável durante um exame. Com isso, Piuco (2015) afirma que ainda não existem exames laboratoriais ou de imagem que possam ser utilizados com grande confiabilidade para essa análise.

Devido isso, para obter o diagnóstico o sujeito deve passar por uma série de etapas. Iniciando com uma entrevista em que o indivíduo responde variadas perguntas de forma quantitativa, durante esse momento é importante ter uma pessoa do convívio do entrevistado para participar, pois é significativo observar e ouvir a respeito do sujeito em diversos ambientes.

Além das entrevistas a pessoa passa por uma série de profissionais e avaliações para a construção do diagnóstico. Tornando o processo ainda mais longo, seguindo todos os critérios estabelecidos pela APA ou OMS. Com isso, é de extrema importância analisar os ambientes em que o sujeito está inserido e estudar os sintomas apresentados em diferentes contextos. Piuco (2015) traz a necessidade de

percepção dos sintomas em mais de um ambiente que o indivíduo frequenta. Visto que caso os sintomas estejam visíveis e causando prejuízos em mais de um lugar, torna o diagnóstico ainda mais específico.

O diagnóstico do transtorno se torna mais difícil de se obter se tratando de pessoas adultas, visto que alguns dos sintomas não define exclusivamente o TDAH. Segundo Souza et al (2023) muitas vezes o transtorno tem sido camuflado devido ao fato de os sintomas não serem evidentes e apresentarem problemas nos relacionamentos dos indivíduos, como a sua vida profissional e pessoal.

Os autores ainda acrescentam que há uma grande dificuldade em se obter o diagnóstico de forma correta, pois muitas vezes o TDAH está atrelado há outros transtornos, gerando a incerteza dos sintomas relacionados. Maldonado (2023) afirma que a depender das comorbidades não se torna viável abordar primeiro o TDAH em um tratamento.

Atualmente, além da anamnese e da triagem de profissionais, há vários instrumentos utilizados para o diagnóstico do TDAH, cada qual com sua finalidade. Souza et al. (2023) cita dois o ADHD-RS que é uma escala de 18 itens subdividido em 9 itens focados na desatenção e 9 itens focados na hiperatividade/impulsividade. O outro instrumento é o CAADID-II avaliando o histórico do paciente e reavaliando os sintomas do TDAH. Ambos utilizados em adultos.

Tendo em vista a grandeza do processo diagnóstico, sabe-se que nem todos os indivíduos conseguem obtê-lo. Em muitas dessas situações devido ao alto custo dos profissionais e a dificuldade através do sistema único de saúde (SUS). Tendo em vista que com os planos de saúde ou custeando as consultas de maneira particular, o processo se torna mais rápido e fácil. Maldonado (2023) afirma que algumas pesquisas norte-americanas identificaram envolvimento de fatores socioeconômicos na dinâmica do transtorno, podendo citar gastos com seguro saúde como um dos impactos.

5.2 O tratamento

Antes de iniciar o tratamento do TDAH é essencial o seguimento de algumas etapas, como a avaliação médica para obter um diagnóstico. Avaliação psicológica para que assim realize testes psicológicos com o objetivo de confirmar o diagnóstico. Um plano de tratamento, visto que o TDAH possui variadas formas de se tratar. E por último, a exclusão de outras condições.

Souza et al (2022) comentam que mesmo com a alta proporção de pessoas com TDAH, e o aumento no conhecimento dos danos causados pelo transtorno, o diagnóstico não pode ser rastreado por exames porque o TDAH não apresenta biomarcador. Além disso, os autores completam que o tratamento do TDAH convém ressaltar tópicos primordiais para que o processo seja eficaz, portanto, será apresentado a seguir fatores considerados indispensáveis no tratamento.

Durante o tratamento é importante chamar atenção para a abordagem multidisciplinar, de modo que o tratamento possa alcançar resultados eficazes e duradouros. Geralmente, envolve uma equipe multidisciplinar, contendo médicos, psicólogos, psicomotricistas, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Com o objetivo de trabalhar em equipe para ajudar o paciente. Piuco (2015) argumenta que, a intervenção precoce representa uma necessidade vital para que haja uma redução ao custo social do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. Souza et al. (2022) Consideram que, torna-se indicado a comunicação entre múltiplas áreas para um resultado efetivo e duradouro.

Nesse sentido, outro ponto importante para obter positivos resultados, é a psicoeducação sobre o transtorno, seus sintomas e impactos. Sendo necessário buscar o devido tratamento, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) pode ser uma abordagem útil no acompanhamento, para ajudar a desenvolver habilidades de enfrentamento, gerenciamento de sintomas e melhorar o funcionamento geral.

Desse modo a terapia pode ajudar o indivíduo, com técnicas como a de organização, planejamento, priorização de tarefas e melhorias nas habilidades sociais. Com a finalidade de facilitar as interações com colegas, amigos e familiares, visando a evolução perante o diagnóstico. Piuco (2015) informa que às intervenções não-medicamentosas, a modalidade que está em maior evidência e possui uma grande quantidade de estudos é a terapia cognitivo-comportamental. É eficaz no manejo dos sintomas principais de desatenção, hiperatividade, impulsividade e nos sintomas comportamentais associados.

Em complemento, a medicação desempenha um papel fundamental no tratamento, tornando-se muito importante o uso em alguns casos do TDAH. Conseqüentemente, na maioria dos casos os medicamentos estimulantes são prescritos por um médico especialista, com o objetivo de ajudar a controlar os sintomas, reações e riscos. Maldonado (2023) afirma que para uma determinada

intervenção ser efetivada, é preciso que seus benefícios sejam maiores que seus respectivos malefícios.

Além disso, é de grande importância que os familiares, cuidadores e amigos recebam orientações sobre o transtorno, e manejos para apoiar a pessoa com o TDAH em diferentes ambientes e contextos. Piuco (2015) relata que o desenvolvimento de um plano de tratamento deve levar em consideração o indivíduo com TDAH e as pessoas que convivem com ele como pais, cônjuges e amigos.

5.3 As redes sociais

A chegada das redes possibilitou inúmeros avanços para a sociedade, em diversos contextos, como na vida pessoal, acadêmica e profissional. Levando em consideração o foco da pesquisa no campo da saúde, as redes sociais podem ter um impacto significativo na vida do sujeito, tanto de forma negativa como de forma positiva.

Souza et al. (2022) afirmam que as ferramentas computacionais vêm ganhando grande espaço e alto número de pesquisas. Diante a facilidade de uso e acesso, as redes e sua tecnologia podem desempenhar um papel importante na busca por um diagnóstico ou algo relacionado a saúde, tornando-se perigoso ou facilitador para o indivíduo. Tendo em vista que dentro desse meio digital, é comum encontrar informações duvidosas ou contraditórias, levando o sujeito a acreditar em algo falso.

Coutinho, Esher e Osório-de-Castro (2017) relatam que essas “novas mídias”, destacando as redes sociais, possuem diversos canais de observação dentro do processo farmacêutico, que se dá tanto pela facilitação ao acesso à informação, como ao medicamento. Ou seja, tornou-se mais fácil a busca por profissionais e o agendamento de consultas. Como também, facilitou a busca por informações de forma independente, sem o auxílio médico, dificultando uma relação médico-paciente e tornando perigoso o contato com esse conhecimento sem o devido auxílio.

Essa agilidade na busca e acesso, reforça o indivíduo a procurar responder sua dúvida e curiosidade de modo independente, apenas com um click. O perigo desse tipo de pesquisa é a falta do filtro a respeito do conhecimento adquirido nesse meio, podendo divulgar e repassar informações de maneira incorreta.

Coutinho, Esher e Osório-de-Castro (2017) apresentam que, os usuários das redes sociais compartilham mensagens, conteúdos, vivências e informações pessoais. Além disso pesquisam, visitam páginas, promovem debates e engajam-se

em grupos de diferentes assuntos e temáticas. É notório a maneira como o meio virtual tornou-se parte da vida do outro e a forte influência que tem, modificando o modo de agir e se portar do indivíduo, levando muitas vezes a crer em coisas inexistentes.

Maldonado (2023) contribui afirmando que é importante dar destaque ao atual lugar que as redes sociais podem ter no autodiagnóstico e conseqüentemente na maior medicalização de uma condição. É evidente que as mídias fornecem um grande acesso a informações sobre sintomas, doenças, tratamentos e medicações, podendo levar o sujeito a compreender melhor suas questões de saúde. Embora as informações possam ser úteis é importante usá-las com cautela e não esquecer de procurar orientação de um profissional de saúde qualificado.

5.4 O autodiagnóstico e a escassez de material

O autodiagnóstico é um tema recente em relação a pesquisas acadêmicas, mas bastante presente na atualidade. Dito isso, é importante defini-lo e contextualizar o seu papel no ambiente de saúde. Trata-se da prática do indivíduo identificar e buscar a respeito dos próprios sintomas, de forma independente, sem suporte médico.

Em alguns contextos, essa pesquisa pode acarretar resultados positivos ou negativos. Levando em consideração, o lado bom desse acesso a informações é a procura por novos consultórios ou profissionais, facilitando a marcação de consultas e exames. Maldonado (2023) reforça que muitas pessoas procuram os seus profissionais e vão em busca do próprio diagnóstico, uma vez que identificam algo e esperam do médico a confirmação.

Tendo em vista que o ambiente digital não possui apenas informações congruentes e verdadeiras, o grande perigo dessa pesquisa é acreditar e repassar conhecimentos que não são verídicos. Afinal, um diagnóstico traz à tona várias questões para o sujeito, como lidar com algo novo, iniciar um tratamento ou fazer uso de medicamentos. Sendo necessário uma busca refinada quando se pesquisa a respeito da saúde.

Levando em consideração o uso desenfreado das redes, muitos buscam essas informações através de publicações, postagens e comentários, podendo levar consigo ou até compartilhar, uma informação incorreta. Coutinho, Osorio-de-Castro e Esher (2017) vão dizer que informações da internet, mais especificamente de redes sociais, como o Facebook, exercem forte influência.

Maldonado (2023) completa que o aumento de casos de autodiagnóstico não teve apenas influência da imprensa popular, mas também validação de grupos de interesse que apoiam a ideia de transtornos, como o TDAH. Através desse contato com o outro, o sujeito cria um vínculo, se identifica e logo depois se denomina, com o transtorno ou doença em questão.

Durante uma pesquisa os autores Coutinho, Osorio-de-Castro e Esher (2017) relataram que uma busca pela palavra TDAH na rede social do Facebook encontrou-se cerca de 532 páginas e 169 grupos, embora possivelmente muitos dos integrantes não possuíssem de fato o diagnóstico do transtorno, muitos estavam presentes apenas pelo interesse e reconhecimento dos sintomas.

Como dito anteriormente mesmo o autodiagnóstico sendo algo comum na atualidade, em questões acadêmicas não se tem evoluído muito, visto que não possui muitas pesquisas voltadas para o assunto. Isso dificulta uma possível resposta para o que seria o motivador dessas pesquisas de maneira inadequada. Levando em consideração a escassez de material em volta deste assunto, é relevante citar como isso prejudicou a produção deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão possui como tema as redes sociais e a sua relação com o autodiagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Em resumo este estudo relata a respeito do uso contínuo das redes e a maneira como a internet tem influência nos meios de comunicação, principalmente a respeito da saúde. O foco da pesquisa foi retratar a relação das redes com o autodiagnóstico. Foi perceptível que ao longo da escrita, o objetivo geral e específicos foram abordados, trazendo contribuições significativas e importante para a Psicologia.

Foi concluído que os usuários das redes sociais aproveitam frequentemente esse meio para buscar informações médicas, com o intuito de esclarecer dúvidas ou pela busca de economia financeira, considerando que as despesas associadas ao adquirir um diagnóstico de saúde têm gastos significativos.

Com isso, o estudo certificou as contribuições dos meios virtuais diante o autodiagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Ao longo do trabalho houve uma dificuldade na construção e discussão do mesmo, devido a poucas pesquisas voltadas para o assunto. Diante disso, resta a sugestão

de pesquisas retratando o autodiagnóstico e assuntos relacionados ao mesmo, para buscar aumentar e melhorar o quantitativo de conteúdos a respeito da temática.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. S. et al.. Quem Lidera sua Opinião? Influência dos Formadores de Opinião Digitais no Engajamento. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, n. 1, pág. 115–137, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/MXTSzjGmKNbzM4DpxHcPRbK/?lang=pt#>. Acesso em: 11 maio 2023.

Associação Americana de Psiquiatria (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BIRUEL, E. P.. **Websites para diabéticos**: uso da internet como instrumento de educação em saúde. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2008. Disponível em: http://files.bvs.br/upload/T/unifesp/2008/biruel_websites_diabeticos.pdf. Acesso em: 29 maio 2023.

CANEZIN, P. F. M.; ALMEIDA, T.. O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 142-155, jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2023.

COSTA, W. S. S.; GUIMARÃES, F. P.. A influência da internet no autodiagnóstico e automedicação de acadêmicos do curso de farmácia da faculdade ciências da vida. **Faculdade Ciências da Vida**, online, p. 1-16, 2021. Disponível em: https://www.faculdadecienciasdavid.com.br/sig/www/opedged/ensinoBibliotecaVirtual/000093_624776faf32a9_049865_60ef4953150f7_A_INFLUENCIA_DA_INTERNET_NO_AUTODIAGNOSTICO_E_AUTOMEDICACAO_DE_ACADEMICOS_DO_CURSO_DE_FARMACIA_DA_FACULDADE_CIENCIAS_DA_VIDA.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

COUTINHO, T.; ESHER, A. F.; OSORIO-DE-CASTRO, C. G. S.. Mapeando espaços virtuais de informação sobre TDA/H e usos do metilfenidato. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, online, v. 27, n. 03, p. 749-769, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300019>. Acesso em: 11 set. 2023.

EFFGEM, V. et al. A visão de profissionais de saúde acerca do TDAH - processo diagnóstico e práticas de tratamento. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 25, n. 26, p. 34-45, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542017000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2023.

GALVAO, T. F.; PEREIRA, M. G.. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 maio 2023.

GIANOTTI, P. S. P.; GIANOTTI, H. P. P.; WADA, E. Globalização e serviços médicos: impulsionando o turismo de saúde. **Turydes**, v. 2, n. 4, 2009. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turedes/04/ggw.htm>. Acesso em: 22 maio 2023.

GIRÃO, M.; IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F.. Fake News e storytelling: dois lados da mesma moeda ou duas moedas com lados iguais?. **Cadernos EBAPE.BR**, online, v. 21, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/5swLTnkGVdD7PY4mRKLRBC/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GRAEFF, R. L.; VAZ, C. E.. Avaliação e Diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Psicologia USP**, online, v. 19, n. 3, p. 341-361, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/8yKwZ7nLBCxr7h5TffqPvKz/?lang=pt#>. Acesso em: 11 maio 2023.

HORA, A. F. et al.. A prevalência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (tdah): uma revisão de literatura. **Psicologia**, online, v. 29, n. 2, p. 47-62, 2015. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/1031>. Acesso em: 4 set. 2023.

LARROCA, L. M.; DOMINGOS, N. M.. TDAH - Investigação dos critérios para diagnóstico do subtipo predominantemente desatento. **Psicologia Escolar e Educacional**, online, v. 16, n. 1, p. 113-123, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100012>. Acesso em: 10 out. 2023.

MALDONADO, M. M.. TDAH e Complexo Médico-Industrial: revisão narrativa sobre uma epidemia lucrativa. 2023. 77 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MARTINHAGO, F.. TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. **Ciência & Saúde Coletiva**, online, v.23, n. 10, p. 3327-3336, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.15902018>. Acesso em: 2 out. 2023.

MARTINS, H. H. T. S.. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289–300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 8 maio 2023.

MESSAGGI, J. O.; BUTTNER, A. J. A autoafirmação vai às compras: A influência das mídias sociais no consumo de artigos de moda. **ENCONTRO NACIONAL DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/32enangrad/trabalho/195146>. Acesso em: 10 out. 2023.

MORAES, D.C.. A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. **Revista Científica Semana Acadêmica**,

Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/internet-como-ferramenta-tecnologica-e-consequencias-de-seu-uso-aspectos-positivos-e>
Acesso em: 10 set 2023.

MORGAN, H. L. et al.. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 102–109, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/thtr6bKtgJ9X3PwNh7pB8jN/?lang=pt#>. Acesso em: 11 maio 2023.

MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E.; SILVA, E. M. K.. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. **Revista da Associação Médica Brasileira**, online, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/SGm5WjwfG6Hj5Bf5g8s6DRs/?lang=pt#>. Acesso em: 22 maio 2023.

NASCIMENTO, B. L. C. et al.. Redes sociais como fonte de informação: uma proposta atual. **Repositório - FEBAB**, Natal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5868>. Acesso em: 10 out. 2023.

PIUCO, R. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: revisão e análise de estudos de prevalência**. 2015. 74f. Monografia (Bacharel em ciências biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

RAQUEL, C. P. et al. Os caminhos da ciência para enfrentar fake news sobre covid-19. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 4, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/xwCJfCqzNMJjFLgvqfX5Bch/#>.
Acesso em: 27 mar. 2023.

SALGADO, E. R.; REZENDE, M. A.; REIS, F. F. S.. O Autodiagnóstico dos Transtornos Psiquiátricos nas Redes Sociais. **Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA**. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18418>. Acesso em: 10 set. 2023.

SANCHES, S. H. D. F. N.; CAVALCANTI, A. E. L. W.. Direito à saúde na sociedade da informação: a questão das fake news e seus impactos na vacinação. **Revista jurídica**, Curitiba, v. 4, n. 53, p. 448-466, 2018. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3227>. Acesso em: 24 ago. 2023.

SANTOS, L. F.; VASCONCELOS, L. A.. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, online, v. 26, n. 4, p. 717-724, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000400015>. Acesso em: 30 set. 2023.

SEPULVEDA, D.; SEPULVEDA, Y.. O dilemas das redes e a modulação dos comportamentos dos usuários: o que isso tem a ver com os processos de aprendizagem?. **RevistAleph**, n. 36, p. 18-34, nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/50581/29609>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SIGNOR, R.. Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, online, v. 13, n. 4, p. 1145-1166, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013005000022>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA, A. S.; FIDELIS, R. C. P.; TOMAZ, R. R.. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e as funções executivas na infância. **Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA**. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/17354/1/TDAH%20E%20AS%20FUNCEOS%20EXECUTIVAS.%20Amanda%20e%20Renata.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

SILVA, I. J. et al.. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, online, v. 43, n. 3, p. 697-703, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300028>. Acesso em: 29 maio 2023.

SILVA, L. M.; SILVA, M. F.; MORAES, D. C.. A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 1, n. 55, 2014. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_sobre_internet_corrigido_0.pdf. Acesso em: 31 ago. 2023.

SIQUEIRA, C. M.; GURGEL-GIANNETTI, J.. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 57, n. 1, p. 78–87, jan. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/vrDgSbhJq5nBDjysppPyYzj/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 12 maio 2023.

SOUZA, L. M. L. et al.. Dificuldades e consequências do diagnóstico tardio de TDAH: Revisão integrativo. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 5685–5701. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N6-053>. Acesso em: 11 de set. 2023.

SOUZA, T. G. et al.. Tecnologias da Computação para tratamento e diagnóstico do TDAH: inferências e interpretações sobre uma Revisão Sistemática de Literatura. **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Ilha do Fundão, 2022. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/journals/index.php/isys/article/download/2235/2010/11229>. Acesso em: 11 set. 2023.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R. et al.. As novas tecnologias da informação e o consumismo em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, online, v. 26, n. 8, p. 1473-1482, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000800002>. Acesso em: 10 set. 2023.

VERMELHO, S. C. et al.. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 179–196, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4JR3vpJqszLSgCZGVr88rYf/#>. Acesso em: 10 maio 2023.

VIANA, C. A.. **Comunicação e saúde: reflexões sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) em Palmas e a saúde digital durante a pandemia de Covid-19**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em

Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, p. 15. 2023.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/5711>. Acesso em: 10 set. 2023.